MEMORIA

JUSTIFICATIVA E DESCRIPTIVA

DAS

OBRAS EXECUTADAS NA EGREJA DE S. ROQUE

DE

LISBOA

Desde 12 de outubro de 1893 até 18 de junho de 1894

LISBOA
Typ. da Loteria da Santa Casa da Misericordia
—
1894

MEMORIA

JUSTIFICATIVA E DESCRIPTIVA

DAS

OBRAS EXECUTADAS NA EGREJA DE S. ROQUE

DE

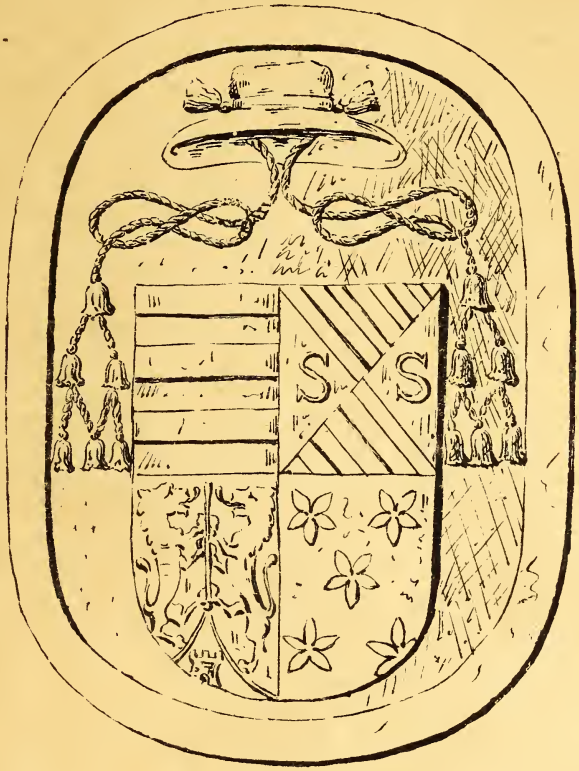
LISBOA

Desde 12 de outubro de 1893 até 18 de junho de 1894

LISBOA
Typ. da Loteria da Santa Casa da Misericordia
—
1894

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/memoriajustifica00mena



BRAZÃO DE ARMAS QVE ESTA NA CAMPA
DE

D. FERNANDO MARTINS MASCARENHAS

CAPITULO I

Origem das obras

Em 29 de julho do anno passado partiram para Torres Vedras em viagem de recreio os ill.^{mos} e ex.^{mos} srs.: conde de Casal Ribeiro, conselheiro dr. Thomaz de Carvalho e D. Antonio Sanchez Moguel, cathedratico da Universidade de Madrid.

Nenhum dos cavalheiros mencionados suppunha que esta viagem désse azo a fazer-se o descobrimento da sepultura do insigne theologo e illustre doutor o padre Francisco Soares — O Granatense.

Foi o sr. conde de Casal Ribeiro que sem tal suppôr, indicou o ponto de partida da directriz do caminho a seguir n'esta investigação tão importante, aconselhando o sr. Moguel que visitasse a casa dos padres Jesuitas em Barro, povoação pouco distante de Torres Vedras.

Resultou d'esta visita encontrar o sr. Moguel entre os padres residentes n'aquella casa, um compatriota seu — José Llobera y Colls — com quem logo encetou conversação ácerca de Hespanha, da Companhia de Jesus e dos Jesuitas hespanhoes que se tornaram mais notaveis em Portugal.

Veio portanto á tella da discussão o dr. Francisco Soares, cujas memorias portuguezas o sr. Moguel andava investigando, tratando-se por ultimo da sepultura d'aquelle hespanhol illustre, de quem o nosso frei Nicolau de Oliveira

no seu *Livro das Grandezas de Lisboa*, diz o seguinte: — «Aquelle insigne theologo, e famosissimo doutor, que mais que nenhum outro em nossos tempos acclarou as difficuldades da philosophia, metaphysica e theologia o padre mestre Francisco Soares da Companhia de Jesus, que depois de em muitas partes de Hespanha, e Italia haver mostrado a luz da sua sciencia, a veio ensinar em a cathedra de prima da segunda Athenas em todas as faculdades, Coimbra: e mandando d'alli seus livros pera todo o mundo, e a alma pera o ceu, nos deixou com seu exemplo seu corpo e dando-lhe a cidade de Granada a vida com o ser humano: elle com sua sciencia e virtude, allumeou o mundo, e com sua doutrina enobreceu Coimbra, e com seu corpo honrou Lisboa.[1]»

Pelos biographos do dr. Francisco Soares, sabia-se que fallecera em Lisboa aos 25 de setembro de 1617 e que fôra sepultado na egreja de S. Roque, então casa professa da Companhia de Jesus, mas restava saber qual o sitio preciso onde o sepultaram e se ainda hoje os restos do celebre doutor jaziam no mesmo local.

Sobre este assumpto citou o padre Llobera a *Chronica da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal*, pelo padre Balthazar Telles, onde este, mais que nenhum biographo de Soares, descreve minuciosamente tudo que se pretendia saber.

Effectivamente no tomo 2.º da mencionada *Chronica*, a pag. 122 e 123, tratando das capellas da egreja de S. Roque, diz o padre Telles o seguinte: — «A Capellinha, ou nicho, que a este responde, no lado da Epistola da Capella das Sanctas Virgens, mandou ornar, e concertar D. João de Castro, senhor de Rezende (que foy casado com Dona Philippa de Castro) pera n'este logar sepultar seu filho Dom Antonio de Castro, Sacerdote, e homem de grande virtude e exemplo; o qual pela grande devoçam que sempre teve á Companhia, e desejos de entrar n'ella, que não puderam ter effeito, pelo atalhar a morte, ordenou em seu testamento, que se preparasse esta Capella, pera seu enterro.

«E em signal de grande amor, e notavel reverencia que

---

[1] *Livro das Grandezas de Lisboa*, por fr. Nicolau de Oliveira, pag. 46. — Lisboa, 1804.

sempre teve ao muy insigne Doutor o Padre Francisco Soares (honra da Companhia, mestre Commum da Christandade, e que o tinha sido seu muy particular) pedio, que se tresladassem os ossos do dito Padre seu mestre, pera este jazigo, mandando que o sepultassem aos pés de tão excellente Doutor, e assim se executou: como se até depois de morto gostasse de assistir na presença de tal mestre, pera ainda no sepulchro (do modo que pudesse) lhe tomar sua prosa, e lhe ouvir sua doutrina...

«A invocação d'esta Capella é de Nossa Senhora do Desterro, em rezam do paynel, que nella mandou collocar o mesmo Dom Antonio de Castro, que representa a peregrinaçam da Senhora, e o quadro é de pincel peregrino.»

Em vista das indicações encontradas no livro do padre Telles, promptificou-se o sr. dr. Thomaz de Carvalho como meritissimo Provedor que é da Santa Casa da Misericordia, apenas chegasse a Lisboa, mandar proceder a rigorosas pesquizas na capella mencionada pelo chronista da Companhia de Jesus.

Com bastante difficuldade se descobriu o sepulchro do dr. Soares, porque a capella estava obstruida com o folle do orgão «irreverentemente e selvaticamente collocado n'aquelle sitio» como muito bem disse s. ex.ª o Provedor em uma carta dirigida ao sr. Moguel [1].

Resolveu logo s. ex.ª que um tal desacato não subsistisse por mais tempo; que a capella fosse desobstruida e devidamente restaurada; e que o orgão fosse retirado do cruzeiro e transferido para o côro principal; restituindo-se portanto a egreja á sua primitiva traça, tão vandalicamente alterada em 1844!

Foi n'aquelle anno quando transferiram o orgão da egreja de S. Pedro de Alcantara para a de S. Roque, que se praticou o vandalismo de obstruir com o folle a capella de Nossa Senhora do Desterro e com o orgão e respectivo côro, a parte do cruzeiro que lhe fica junto.

Profanou-se o sepulchro de um homem celeberrimo — o dr. Francisco Soares — prejudicou-se a esthetica do majestoso templo de S. Roque que por innumeras circumstancias historicas e artisticas, é tão digno de admiração, mas

[1] Veja-se o *Boletin de la real academia de la historia*.—Tomo XXIII —Cuaderno VI, diciembre, 1893 — pag. 468.

accomodou-se o folle do orgão e construiu-se um côro tão mesquinho no tamanho como no gosto artistico!

Parece incrivel que se pratiquem taes monstruosidades, mas infelizmente vêmol-as a cada passo...

Agora que já relatei tudo que deu origem ás obras determinadas tão sensatamente por s. ex.ª o Provedor, cuja direcção technica foi incumbida ao humilde auctor d'estas linhas, passo-as a descrever seguidamente pela sua ordem de execução.

CAPITULO II

A capella profanada

Quando da antiga capella de Nossa Senhora do Desterro se retirou o folle do orgão e se desmancharam os prumos, as travessas e as escôras que o sustinham, fiquei estupefacto ante os vandalismos commettidos em 1844!

Quebraram capiteis, arrancaram almofadas ás pilastras e esburacaram as lapides sepulchraes do dr. Francisco Soares e de D. Antonio de Castro!

Do retabulo descripto pelo padre Balthazar Telles não encontrei vestigios, mas a parede onde elle devêra assentar, fôra *cuidadosamente* rebocada e guarnecida!...

A capella ficou completamente restaurada com os trabalhos seguintes:

Fizeram-se dois capiteis para as pilastras e differentes almofadas para as mesmas; metteu-se uma grande porção de tácos; bruniram-se as cantarias de lioz; poliram-se os marmores; limparam-se e restauraram-se os epitaphios; fez-se um altar de marmore nacional e um retabulo de madeira de casquinha, aproveitando-se uma moldura antiga e uma banqueta.

Os filetes, cordões, ornatos, emblemas e allegorias do retabulo, foram todos dourados a brunido e fôsco e os fundos pintados imitando alabastro, ágata e lapis-lazuli.

O painel do novo retabulo é uma boa pintura antiga sobre madeira representando a Annunciação, que ha muito estava arrecadado e que agora sendo aproveitado deu outra invocação á capella, isto é, a antiga capella de Nossa Senhora do Desterro, é hoje da Annunciação.

Os epitaphios são do theor seguinte:

Do lado do Evangelho:

P. Dⁿⁱ Francisco Soares e Societate Iesv, in Conímb Academia Primario emerito, viro virtutibus æqvé maximis, et scientijs insígni, trium et vigínti voluminum editione PHIA, ac Theologia illustratis: die xxv. Septemb. mdcxvijᴬᴺ. ad veram vitam prægresso. Magno suo magístro, et patri amantíssimo D. Antonio de Castro, in amoris, et observantiæ monumentum, dicavit.

Do lado da Epistola:

Aqví jás D. Antonio de Castro filho·de·D. Ioão de Castro Sõr de Rezende, Reríz, Svl, Penella, Bem Vivere, ovtros lvgares, e de D. Felíppa de Castro sva primeira molher: qve tendo ovtras sepvltvras de sevs avós, pedío á Compᴬ de Iesv esta capella, e a mandov fazer Pᴬ so se enterrar, nella e pôr os ossos do Pᴱ Dᴼᴿ Frᶜᴼ Soares sev mestre: falleceo a 8. de Setembro de 1632.

CAPITULO III

O novo côro

Estando superiormente resolvido que o orgão fosse transferido para o côro principal, procedi a rigoroso exame afim de reconhecer se este estava ou não em condições de solidez para supportar uma tão grande carga.

Mandei arrancar o soalho junto ás paredes e vi então que o vigamento, que era de madeira de carvalho, estava completamente estragado pela carcôma.

Em condições taes o côro, não supportaria grandes cargas junto á parede da fachada principal, isto é, justamente no sitio que estava destinado para a collocação do orgão e ordenou-me portanto s. ex.ª o Provedor que elaborasse o projecto para o novo côro.

A ordem de s. ex.ª era a par de muito honrosa, muito ardua... Eu me explico: — Era muito honrosa porque sendo eu um technico *principiante,* vi que s. ex.ª depositava na minha pessoa a maxima confiança; era muito ardua porque o meu projecto, attento o local para onde se destinava, depois de executado seria alvo de multiplices apreciações.

Foi grande o meu arrojo! Eu, o mais infimo da classe a que me honro de pertencer; eu, um simples conductor de obras publicas e de minas pelo Instituto de Lisboa, encarregado de elaborar o projecto do novo côro a construir na egreja de S. Roque!... Confesso que tive medo...

Ia-me expôr á critica geral...

Estudei o projecto tanto quanto m'o permittiam as minhas forças.

Felizmente para mim, obtive bom exito no *meu debute* e orgulho-me de não ter com o meu trabalho, diminuido os bons creditos da minha classe.

Approvado que foi por S. Ex.ª o Provedor o meu projecto, deu-se começo á obra no dia 12 de outubro de 1893.

O novo côro tem dois pavimentos e foi construido pela maneira seguinte:

1.º Pavimento:—Sobre os ábacos das duas antigas columnas se assentaram cunhos de ferro fundido, tendo cada um quatro parafusos devidamente chumbados na cantaria.

Uma viga *T* duplo, com 0^m,379 de alto, composta de chapa de ferro, espessada ao meio e com 17^m,61 de vivo ou comprimento entre as paredes lateraes, descança sobre os dois mencionados cunhos, entra 0^m,30 em cada parede e serve de frechal a vinte vigas tambem de ferro, de *T* duplo de 0^m,20 de altura, com entradas de 0^m,30 na parede da fachada principal e com 0^m,80 de distancia entre si.

Sobre estas vinte vigas *T* duplo, fôram assentes transversalmente vigotas de casquinha de 0^m,11 × 0^m,075.

As vigotas estão parafusadas ás vigas de ferro e sobre ellas corre um soalho apparelhado á ingleza e cabeirado que constitue o primeiro pavimento do côro.

Este pavimento é recto em quasi todo o comprimento dos terços extremos, faz porém uma pequena bacia ou sacada no terço central, cujo balanço não ultrapassa as aprumadas dos pés direitos dos arcos das primeiras capellas, o que julguei conveniente fazer para não alterar a esthetica geral.

A frente d'este primeiro pavimento é um entablamento dorico rigoroso, encimado por uma balaustrada, tudo executado em madeira de casquinha e solidamente ligado ás vigas de ferro por meio de parafusos com porcas.

A balaustrada e o entablamento estão pintados a oleo imitando pedra lioz.

2.º Pavimento:—Está acima do primeiro pavimento 2^m,20.

O vigamento descança ao fundo na parede da fachada principal e á frente assenta sobre um frechal de madeira de casquinha de 0^m,18 × 0^m,11 com os extremos mettidos nas paredes, espessado ao meio, com escoras de 0^m,30 × 0^m,11 aos terços, entrando tambem nas referidas paredes.

O vigamento varia entre 0^m,20×0^m,10 e 0^m,18×0^m,10; uma parte é de casquinha e a outra parte de carvalho que se aproveitou das antigas vigas.

Os terços extremos d'este pavimento são rectos, o central é semielliptico.

A frente é tambem um entablamento dorico rigoroso

com a respectiva balaustrada, tudo fixado com parafusos de porca.

O entablamento nasce sobre pilastras com canneluras e os espaços entre as pilastras representam apainelados com molduras salientes.

A balaustrada, o entablamento e as pilastras estão pintadas a oleo imitando alabastro; os paineis imitando ágata, as molduras prasophyro (porphyro *vert antique*), as faixas amethysta e o sócco granito do Egypto.

Os terços extremos constituem galerias cujo accesso se faz por escadas rectas e independentes.

O terço central é onde está assente o orgão; é independente das galerias annexas, tendo para sua exclusiva serventia uma escada em espiral.

A porta de communicação com o primeiro pavimento está *mascarada* ou disfarçada em um dos paineis da parte elliptica da frente do segundo pavimento, fazendo-se a passagem sob este e independente da serventia das galerias, da qual está separada por uma divisão de madeira.

N'esta divisão ha uma porta que quando convier, serve para estabelecer uma serventia geral.

Um *lambris* de casquinha almofadado, pintado fingindo carvalho, guarnece os lados e os fundos das galerias e o recinto do orgão.

A illuminação de todo o côro, isto é, dos dois pavimentos, é feita por 40 bicos de gaz, repartidos por 8 serpentinas de 5 luzes, tendo cada balaustrada 4 serpentinas.

Para illuminação interior ha um bico de gaz junto a cada escada de accesso para as galerias e outro bico para illuminar a passagem sob o segundo pavimento para o primeiro.

As canalisações de gaz podem-se inspeccionar facilmente, porque estão apenas resguardadas com regoas parafusadas e as que passam sob os soalhos, teem as taboas que lhes correspondem egualmente parafusadas.

Todo o soalho é de casquinha e apparelhado á ingleza.

Tecto sob o côro: — O novo tecto é copia do antigo com algumas correcções. As molduras têem o mesmo typo, são porém mais grossas.

Os paineis são os antigos, cuja madeira é de carvalho e que se desmancharam para serem convenientemente restaurados.

As grades que contornam os paineis são todas novas

e estão suspensas com parafusos de porca aos banzos das vigas de ferro; os paineis estão pregados ás molduras e estas ás grades.

A pintura, estylo Renascença, é copia da que existia.

A parte do tecto que foi ampliada, isto é, sob o entablamento, é constituida por almofadas de differentes tamanhos e ao centro da sacada ou balanço, tem uma rosacea. E' todo de madeira de casquinha, excepto a rosacea que é de carvalho. Foi tudo pintado a oleo fingindo pedra lioz.

Todos os trabalhos do côro e do tecto ficaram concluidos no dia 12 de fevereiro do corrente anno.

CAPITULO IV

O orgão

O orgão foi todo desarmado; uma grande parte da canudagem foi substituida e a outra accrescentada; as peças de transmissão de movimento fôram umas concertadas outras substituidas; o folle foi desmanchado, armado de novo e collocado sob o orgão; o teclado foi forrado de marfim; toda a canudagem foi afinada de novo; a caixa do orgão foi ampliada e toda feita de novo, bem como o seu esqueleto, supportes, pandeiros, etc.

A douradura e a pintura foram restauradas.

O orgão é de Antonio Xavier Machado Cerveira, tem a data de 1784 e possue 1694 tubos.

O folle funcciona debaixo do orgão em recinto vedado por uma grelhagem de madeira.

A carga do orgão é supportada ao fundo sobre os extremos das vigas de madeira que entram na parede da fachada principal do templo e á frente sobre o grande frechal de casquinha, tendo nas aprumadas da caixa do orgão trez pontaletes, dois nos extremos e são de casquinha, um ao centro, de vergalhão de ferro revestido de madeira, apoiando todos os trez pontaletes nas vigas de ferro que lhes correspondem.

CAPITULO V

As portas da entrada principal

As portas antigas que além de estarem muito damnificadas, não primavam pela belleza, fôram substituidas por outras feitas de madeira de teca, almofadadas, estylo do seculo XVI, e ornamentadas com parafusos de cabeça torneada.

Os lemes, os fechos e fechaduras são todos tambem novos.

A porta principal mede $5^m,72 \times 3^m,04$ e as lateraes $3^m,14 \times 1^m,62$.

Cada meia porta das maiores pesa approximadamente 900 kilogrammas.

CAPITULO VI

O novo côro da capella-mór

O antigo côro que além de ser demasiado alto e largo, tinha uma balaustrada de pessimo gosto e o soalho estava bastante deteriorado, foi demolido e substituido por outro com menos $0^m,20$ de altura e $0^m,90$ de largura.

Os frechaes do novo côro foram fixados ao lagedo do pavimento por meio de parafusos chumbados; o vigamento é de casquinha, o soalho da mesma madeira, apparelhado á ingleza e cabeirado.

A nova balaustrada, egual á do corpo da egreja, é de casquinha e está convenientemente ligada aos frechaes com parafusos de porca.

O côro está acima do nivel do pavimento do cruzeiro $0^m,24$; na sua entrada principal ha dois degraus de madeira de carvalho e uma cancella com $2^m,32$ de largura e de cada lado junto á capella-mór, ha tambem uma cancella com $1^m,0$ de largura.

A balaustrada é toda pintada a oleo fingindo pau santo e o socco imitando marmore cinzento.

Na entrada da capella-mór assentou-se um degrau de cantaria de Pero Pinheiro brunida, contornando o outro degrau que já havia.

O côro é illuminado por 10 bicos de gaz: 4 á frente e 3 de cada lado.

A canalisação corre sob o encosto da balaustrada, estando esta simplesmente parafusada, para com facilidade ser inspeccionada.

O painel de pau santo com faixa de espinheiro que cobre a sepultura de D. Thomaz de Almeida, foi todo restaurado e em lettras de espinheiro embutidas no pau santo, fez-se o seguinte distico:

AQUI JAZ

D. THOMAZ DE ALMEIDA

1.º PATRIARCHA DE LISBOA

Fez-se um painel tambem de pau santo e espinheiro para cobrir a campa de D. Fernando Martins Marcarenhas e em lettras de espinheiro embutidas, lê-se o seguinte:

AQUI JAZ

D. FERNANDO MARTINS MASCARENHAS

BISPO DO ALGARVE

CAPITULO VII

As capellas lateraes

Capella do S.S. Sacramento.— Tirou-se a teia que havia á frente e que bastante obstruia o transito.

Assentou-se uma grade de ferro laminado para servir de commungatorio, cujo desenho é uma imitação do que existe na parte inferior da antiga cancella.

A grade tem ao meio uma cancella e foi toda dourada a mordente e ouro fino.

Restaurou-se a moldura de um apainelado do tecto.

Capella de S. Roque.— Os preciosos e bellissimos paineis de azulejo que revestem as paredes lateraes, de puro gosto italiano, mas obra portugueza, assignada por Francisco de Mattos e com a data de 1584, foram completados com pintura a oleo sobre estuque habilmente executada.

Capella de S. Francisco Xavier.— A balaustrada foi toda restaurada e os acroterios de marmore devidamente concertados.

Capella da doutrina.— A balaustrada que é de ebano, tinha uma cancella de casquinha pintada de preto!... A cancella foi substituida por outra de ebano com balaustres eguaes aos antigos e estes todos restaurados.

Capella de Jesus, Maria, José ou dos nobres.— A balaustrada foi toda restaurada.

Capella de Santo Antonio.— Concertou-se a balaustrada que é de casquinha e pintou-se fingindo pau santo. Repararam-se os azulejos das paredes lateraes.

Capella de Jesus.— Restaurou-se a balaustrada.

CAPITULO VIII

O cruzeiro

As rótulas das janellas aos lados da capella-mór, foram substituidas por caixilhos de madeira de casquinha, de pi-

nasios cruzados, tudo dourado a ouro fôsco e com vidros de côres. As tabellas têem molduras formando paineis e rosaceas ao centro, sendo tudo dourado tambem a fôsco.

Os azulejos das paredes foram restaurados e alguns paineis completados.

O tecto de estuque do lado da Epistola, foi concertado e todo limpo e as cantarias do arco foram tambem concertadas e lavadas.

Os vidros da janella fôram foscados, assentou-se um aro novo e a porta por debaixo d'aquella foi restaurada.

A balaustrada que havia em frente das capellas do lado do Evangelho, foi arrancada; o estrado junto ás mesmas capellas foi accrescentado e fez-se um novo estrado para a frente das capellas do lado da Epistola.

O lagedo do pavimento de todo o cruzeiro foi concertado.

CAPITULO IX

Diversos

Além dos trabalhos descriptos nos capitulos anteriores fizeram-se mais os seguintes:

Arrancou-se a antiga couceira da porta principal e assentou-se uma nova; concertou-se tanto a cantaria d'aquella porta como a das lateraes.

O guarda-vento da porta principal foi reparado e pintado de novo em ambas as faces, fingindo pau santo.

Os vidros da janella central da fachada do templo foram foscados, e tanto n'esta janella como nas dos lados, assentaram-se stores.

Substituiu-se a cancella da balaustrada do corpo da egreja por outra com balaustres eguaes aos existentes, sendo tudo pintado imitando pau santo.

Fingiram-se de carvalho todas as portas de communicação entre as capellas e a porta por debaixo do pulpito do lado da Epistola.

Os bancos do corpo da egreja foram tambem pintados fingindo carvalho.

Fez-se uma caixa nova para as esmolas da Bulla da Santa Cruzada.

As columnas dos candelabros foram bronzeadas e os capiteis dourados e dourados foram tambem os braços dos candieiros do guarda-vento.

As balaustradas das tribunas lateraes pintaram-se fingindo pedra lioz.

O docel da capella-mór que encobria em parte o quadro superior foi apeado.

Fizeram-se quatro bancos de pau santo com as costas e assentos estofados e guarnecidos com pregaria de latão, para serviço da collegiada no côro da capella-mór.

Os quadros Santa Rita e Santa Thereza que estavam nas paredes lateraes por debaixo do côro, estão agora por cima das portas do cruzeiro.

Em frente da capella da *Santissima Trindade* e sobre a porta de *S. João Baptista*, collocou-se o quadro — *Jesus no hôrto* — que durante annos esteve em uma arrecadação.

Em frente da capella da *Annunciação* e por cima da porta da capella do *Sacramento,* collocou-se o quadro — *Adoração dos Magos* — que esteve arrecadado tambem durante annos e que é o *pendant* do que se assentou no retabulo fronteiro.

O quadro — *Os santos Innocentes* — que estava no baptisterio da Santa Casa da Misericordia, foi collocado na sobre porta do cruzeiro do lado da Epistola.

CAPITULO X

Sepulturas

Sepultura do padre mestre Simão Rodrigues de Azevedo, fundador da Companhia de Jesus em Portugal. — Na parede do cruzeiro do lado do Evangelho e á esquerda da porta de communicação com o corredor da sacristia, está um bonito painel cuja moldura é de marmore negro, a faixa de marmore amarello e a tabella de marmore de Carrára.

Como a tabella apresentasse vestigios de ter sido raspada, reconheci portanto que em tempo, existira uma inscripção qualquer.

Impellido pela curiosidade e pelo desejo de repôr aquel-

a inscripção que estava obliterada, sem se saber de quando e porque rasão, procedi a immediatas investigações, resultando chegar á conclusão seguinte:

O painel fôra collocado em 1705 por ordem do padre proposito Miguel Dias e a inscripção que até áquella data estivera em marmore raso, era o epitaphio do fundador da Companhia de Jesus em Portugal, o padre mestre Simão Rodrigues de Azevedo, que fallecera em 1579, fôra sepultado na capella-mór e que passados annos fôram os seus ossos recolhidos em uma caixa e esta mettida na parede do cruzeiro.

Por ordem do meritissimo Provedor e suppondo tanto s. ex.ª como quem escreve estas linhas, que a caixa contendo os ossos do padre Simão Rodrigues estaria por detraz da lapide sepulchral, mandou-se roçar a parede n'aquelle logar e nada se encontrou até o tardoz da referida lapide.

Mais dois roços se abriram na mesma parede, um acima do painel, outro junto ao pavimento do corredor e obteve-se o mesmo resultado.

Não descurando o proposito em que estava e tendo o maximo empenho de vêr coroada com bom exito a pesquiza a que me dedicára, lembrei-me de mandar fazer um antro-roço do lado do cruzeiro e abaixo do painel. Apenas se atacou o roço reconheceu-se pela percussão das pancadas que existia um vasio e pouco depois apparecia á vista uma caixa de lamina de chumbo e não de marmore como descreve o padre Balthasar Thelles na sua Chronica da Companhia de Jesus.

Aberta a caixa viu-se que continha uma ossada humana perfeitamente conservada e cuidadosamente acondicionada em pedaços de papel.

A caixa foi encontrada no dia 24 de abril ultimo e como estivesse um pouco deteriorada, foi substituida por outra perfeitamente egual, onde de novo se metteram os ossos e no dia 31 de maio tambem ultimo, collocou-se em um vão, que se abriu por detraz do painel e tapou-se aquelle com uma pedra lioz, onde s. ex.ª o Provedor mandou gravar a seguinte inscripção:

AQUI JAZEM OS OSSOS
DO P. M.
SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO,
TRASLADADOS DE NOVO
PARA ESTE LOGAR, EM
XXXI DE MAIO DE MDCCCXCIV

O epitaphio do padre Simão Rodrigues que vem transcripto em varios livros, foi mandado gravar de novo na tabella do painel, sendo as lettras douradas e o seu theor é o seguinte:

OSSA P. M. SIMONIS
RODERICI PIÆ RECORDA=
TIONIS, QUI PROVINCI=
AM HANC LUSITA=
NAM FUNDAVIT, PRIMUS
IN EA PROVINCIALIS,
UNUS È NOVEM
B. P. N. IGNATII SOCIIS.
OBIIT IN HAC DOMO
XV JULII MDLXXIX.

A biographia do padre Simão Rodrigues encontra-se que eu saiba, nos livros seguintes: *Livro da Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesus na côrte de Lisboa* pelo padre Antonio Franco; — *Chronica da Com-*

panhia de Jesus da Provincia de Portugal, pelo padre Balthasar Telles, e na *Bibliotheca Lusitana,* pelo padre Diogo Barbosa Machado, tomo 3.º, pag. 721, que por ser uma das mais resumidas, vou transcrever.

«*Padre Simão Rodrigues,* quarto companheiro de Santo Ignacio de Loyola, e fundador da Companhia de Jesus em Portugal, e seu primeiro provincial, nasceu na villa de Vouzella, do bispado de Vizeu, onde teve por paes a Gil Gonçalves e Catharina de Azevedo, parentes do grande thaumaturgo S. Fr. Gil illustre gloria da religião Dominicana.

Chegando á idade competente de estudar partiu com seu irmão mais velho, Sebastião Rodrigues de Azevedo a Paris, e no collegio de Santa Barbara aprendeu grammatica, e lettras humanas, e recebeu o grau de bacharel em philosophia a 3 de outubro de 1536.

N'esta cidade o elegeu para seu companheiro Santo Ignacio de Loyola sendo uma das pedras fundamentaes do edificio, que desejava erigir.

Depois de discorrer por Allemanha, Veneza, Ferrára e Padua em beneficio dos proximos chegou a Roma, onde se exercitava com seus companheiros, prégando pelas praças, e assistindo aos enfermos nos hospitaes.

Retumbou em Portugal a voz d'estes apostolicos exercicios, e desejando el-rei D. João III operarios para a cultura do Oriente, ordenou ao seu embaixador D. Pedro Mascarenhas, que da sua parte pedisse a Santo Ignacio lhe mandasse alguns padres discipulos do seu espirito para que fossem annunciar o Evangelho ás Regiões Orientaes.

Nomeou Santo Ignacio para tão alta empreza ao padre Simão Rodrigues, e a S. Francisco Xavier, os quaes chegaram a Lisboa no anno de 1540 antes de estar confirmado o instituto da Companhia, partiu o Santo Xavier a illustrar o Oriente com as sagradas luzes do Evangelho, e ficou o padre Simão em Portugal para satisfazer a vontade real, que queria se estabelecesse no seu reino o novo instituto da Companhia, sendo a primeira casa que habitou o mosteiro dos conegos de Santo Antão, junto ao castello de Lisboa donde partiu a fundar o magnifico collegio de Coimbra, que foi o primeiro que no mundo catholico teve a Companhia.

Restituido a Lisboa o nomeou el-rei D. João bispo de Coimbra que vagára por morte de D. Jorge de Almeida.

cuja dignidade heroicamente regeitou, acceitando violentado o logar de mestre do principe D. João que occupava D. fr. João Soares elevado á mitra conimbricense.

Estabelecida no anno de 1546 em Portugal a Provincia Jesuitica, d'ella nomeou Santo Ignacio por provincial ao padre Simão, o qual por obedecer ao seu patriarcha partiu a Roma, e depois de effeituar para que fôra chamado voltando por Evora assentou com o cardeal D. Henrique a fundação do collegio de Evora que este principe meditava.

Segunda vez voltou a Roma por ordem do seu santo patriarcha, e sendo nomeado provincial de Valença, e Aragão que não exercitou, se restituiu a Portugal.

Ultimamente elegendo para seu domicilio a casa professa de S. Roque de Lisboa, foi acometido da ultima enfermidade em que por espaço de tres mezes deu evidentes provas da constancia de seu animo, e mortificação de seu espirito, até que recebidos os Sacramentos passou de caduco a eterno a 15 de julho de 1579. Assistiram ao seu funeral D. Jorge de Ataide capellão-mór, D. Antonio Telles bispo de Lamego, e o bispo de Parma que o conhecera em Italia.

Sepultado o cadaver na capella-mór se transferiu para uma pequena caixa de marmore quadrada, a qual se embebeu na parede do cruzeiro, junto da porta, que sae da sacristia, e lhe mandou gravar no anno de 1705 o padre Miguel Dias, confessor que foi da serenissima rainha de Portugal D. Maria Sophia, a seguinte inscripção: » (O epitaphio já transcripto).

Como additamento á biographia do padre Simão Rodrigues de Azevedo, recommendo aos estudiosos a leitura do folheto de Antonio Pedro Lopes de Mendonça, intitulado— *Damião de Goes e a Inquisição em Portugal.*

Foi o padre Simão Rodrigues o primeiro accusador de Damião de Goes e o seu espantoso depoimento, modelo de engenhosa perfidia e de piedoso disfaçamento, vem a paginas 92 do mencionado folheto.

Sepultura de D. João de Borja:—Na capella-mór, do lado do Evangelho e por cima de uma credencia de marmore, lia-se em uma lapide:

ESTA CAPELLA HE DE. D. JOÃO D BOR
JA I.º CONDE DE FICALHO . DO CON.....

A credencia occultava completamente o resto da inscripção, mas bastavam aquellas palavras que transcrevi, para indicarem que outro hespanhol illustre estava sepultado na egreja de S. Roque: *um filho de S. Francisco de Borja.*

A pedido do sr. D. Antonio Sánchez Moguel, a quem mostrei a inscripção, resolveu s. ex.ª o Provedor mandar arrancar a credencia, restaurar o epitaphio e guarnecel-o com uma faixa de marmore.

Immediatamente cumpri aquella ordem e ficando visivel toda a inscripção, leu-se o seguinte:

ESTA CAPELLA HE DE. D. JOÃO D BOR
JA I.º CONDE DE FICALHO. DO CON
SELHO DESTADO DEL REI. N. S. MOR
DOMO MOR DA EMPERATRIS. D. M. E
DA RAINHA. D. MARGARIDA D'AVS
TRIA PERA SEU ENTERRO. E DA
CONDESSA SVA MOLHER. D. FR.CA
DE ARAGÃO. E DE SEVS FILHOS
E DESCENDENTES. ESTA SEV COR
PO DEBAIXO DO ALTAR MOR FA
LECEO EM. S. LOURENÇO. O REAL
A. 3. DE SETEMBRO DE 1606.

Foi D. João de Borja, o principal doador das reliquias do santuario da egreja de S. Roque, filho de D. Francisco de Borja, terceiro geral da Companhia de Jesus, que no seculo fôra marquez de Lombay, 4.º duque de Gandia, estribeiro-mór da imperatriz D. Izabel, infanta de Portugal, esposa do imperador Carlos V.

A mãe de D. João de Borja, D. Leonor de Castro, era portugueza e foi filha de D. Alvaro de Castro, senhor do morgado de Torrão e de sua mulher D. Isabel de Mello Barreto, filha de Rui Barreto, alcaide-mór de Faro.

Casou D. João de Borja com uma senhora tambem portugueza, D. Francisca de Aragão, filha de Nuno Martins Barreto, alcaide-mór de Loulé e de sua mulher D. Margarida de Mendonça.

D. João de Borja além de ser fidalgo muito illustre em Castella, pois descendia dos reis de Aragão, foi em Portugal 1.º conde de Ficalho (por carta regia de Filippe II, de 23 de outubro de 1599) e na Allemanha mordomo-mór da imperatriz D. Maria, mulher do imperador Maximiliano II.

Sendo embaixador de Filippe II de Castella junto do imperador Rodolpho II, residiu muitos annos na côrte imperial, então estabelecida na cidade de Praga, onde obteve muitas reliquias que juntas com outras que lhe foram offerecidas por nuncios, bispos, arcebispos, mosteiros e casas religiosas da Hungria, da Bohemia e de Colonia, constituem a preciosa collecção que doou á egreja de S. Roque, por escriptura publica celebrada em S. Lourenço do Escurial em 22 de setembro de 1587.[1]

Carneiro de D. João de Borja: Quando se demoliu o antigo côro da capella-mór, viu-se que ao meio do primeiro degrau de cantaria, hoje segundo, era a entrada do carneiro de D. João de Borja.

Levantado o degrau n'aquelle sitio, encontrou-se uma escada de cantaria que parte immediatamente do nivel do cruzeiro.

O carneiro occupa todo o espaço da capella-mór e é formado por uma abobada de volta inteira cujo eixo maior ou comprimento total, é o vão da referida capella.

---

[1] Veja-se a *Memoria do descobrimento e achado das sagradas reliquias do antigo santuario da igreja de S. Roque.*—Lisboa, 1843.—Paginas 11.

Tem cinco nichos todos abertos no grosso das paredes; tres estão na parede fronteira á escada e dois aos lados d'esta, um da direita outro da esquerda.

Em o nicho emfrente da escada estão os ossos de D. João de Borja, no que lhe fica á direita está um caixão pequeno com ossos e ha vestigios de cal.

Em o nicho á esquerda da escada está uma grande porção de ossos, que supponho vieram de outras sepulturas da egreja e foram alli cuidadosamente arrumados. Os dois nichos restantes estão vasios.

Na parede do fundo e por cima do nicho onde está a ossada de D. João de Borja ha vestigios de ter estado pregada uma cruz e a baixo d'aquelles está uma lamina de chumbo com a seguinte inscripção:

ESTÁ NESTA CAIXA O CORPO DE · D · Iº Ð BORIA Iº ©NÐ Ð FICALHO, O Q¨L F© COLOCAÐ NESTA SꝊ CAPELLA MOR EM 14 DE MARÇO DE 1613.

Diz o padre Balthazar Telles na sua Chronica que D. João de Borja e sua mulher D. Francisca de Aragão, a quem os padres de S. Roque concederam a capella-mór, só custearam *o pavimento de pedraria... com hum grande carneiro para sua sepultura.*

Sepultura de D. Fernando Martins Mascarenhas: — No dia 30 de março ultimo quando se procedia á demolição do côro da capella-mór, descobriu-se no meio do cruzeiro uma sepultura rasa com brazão de armas sobrepujado pelas insignias de bispo, cujo epitaphio alem de estar inteiramente obliterado, estava incompleto porque a campa fôra cortada n'aquelle sitio.

Tornava-se portanto difficil reconhecer promptamente quem era o individuo ali sepultado.

Ao cabo de tres semanas de aturada investigação, isto é, no dia 21 de abril, obtive a certeza que a sepultura occulta approximadamente ha cento e quarenta annos, é de D. Fernando Martins Mascarenhas bispo do Algarve, cujos relevantes serviços prestados á Companhia de Jesus explicam a rasão porque foi sepultado no meio do cruzeiro e junto aos degraus da capella-mór da egreja de S. Roque. Levantada a campa, encontraram-se alguns ossos a granel, que depois foram mettidos em uma caixa de madeira.

Construiu-se um pequeno ossuario de tijolo guarnecido com cimento, onde se collocou a caixa de madeira contendo os ossos encontrados e assentou-se novamente a pedra sepulchral.

A biographia que vou transcrever, vem na *Bibliotheca Lusitana*, tomo II, paginas 34.

«D. Fernando Martins Marcarenhas nasceu em a villa de Monte-mór o Novo situada em a provincia do Alemtejo, e foi filho segundo de D. Vasco de Mascarenhas reposteiro-mòr do principe D. João, filho de el-rei D. João III e de D. Maria de Mendonça filha de Antonio de Mendonça.

«Em a universidade de Evora em cuja cathedral obteve um canonicato, lançou os primeiros fundamentos dos seus estudos ouvindo philosophia, em que recebeu o gráo de mestre em artes, e parte da theologia, laureando-se doutor em tão sublime faculdade em a academia Conimbricense, sendo admittido por porcionista do collegio real de S. Paulo a 20 de novembro de 1575. Por provisão de Filippe II passada em 15 de maio de 1586 foi nomeado reitor da universidade de Coimbra, cujo logar administrou com tanta prudencia, e affabilidade pelo espaço de oito annos, que d'elle subiu á cadeira episcopal do Algarve a 3 de janeiro de 1594 e se sagrou na cathedral de Lisboa a 5 de fevereiro de 1595.

«Entre todas as virtudes episcopaes, de que foi observantissimo cultor, se distinguiu em a caridade para com as suas ovelhas, pois no tempo que se viu fulminado o Algarve com o horrivel flagello da peste, assistiu com summo disvelo aos feridos do contagio; não sendo menos ardente o seu zelo quando Villa Nova de Portimão padeceu os lastimosos effeitos de uma terrivel fome, soccorrendo-a promptamente com todo o trigo que estava no seu celeiro.

«D'esta caritativa beneficencia não sómente participavam os domesticos, mas os extranhos, como experimentaram tres galés castelhanas, que de Mamora aportaram em Faro tão destruidas pelas tempestades, como cheias de enfermos, mandando dar sustento aos vivos, e sepultura aos mortos, cuja compassiva acção lhe agradeceu com honorificas expressões a majestade de Filippe II.

«Para impedir os insultos que cometiam os mouros nas costas do Algarve, mandou fabricar uma galeota guarnecida de valerosa soldadesca, de que se seguiu respirarem aquelles moradores dos estragos com que infestavam os barbaros aquelles mares, pagando com a vida os roubos cometidos.

«Com generosa usura retribuia beneficios por aggravos, principalmente áquellas pessoas, que lhe eram mais devedoras aos seus favores.

«Attendendo pela utilidade do seu rebanho fundou em Villa Nova de Portimão o collegio dos padres jesuitas para ensinarem as lettras humanas, e concorreu com largos donativos para a nova fabrica do convento de Santo Antonio dos Capuchos da Provincia da Piedade situado na cidade de Tavira.

«Todas estas acções cheias de catholica piedade o habilitaram, para que fosse nomeado Inquisidor Geral d'estes reinos, de cujo logar lhe passou bulla Paulo V a 4 de julho de 1616 onde mostrou o ferveroso zelo que lhe animava o peito contra os sequazes da sinagoga.

«Foi conselheiro de Estado, D. Prior de Guimarães, a cujas dignidades pudera juntar a de bispo de Coimbra, e arcebispo de Lisboa, quando vagou em o anno de 1585 por morte de D. Jorge de Almeida, se as não regeitára com o mesmo empenho, como outros as pretendiam.

«Foi um dos maiores theologos do seu tempo, de que foram testemunhas os cathedraticos de Coimbra, quando argumentava em os actos academicos em que se admiravam felizmente unidas a agudeza com a profundidade.

«Cheio mais de virtudes, que de annos que chegavam ao numero de oitenta espirou piissimamente em Lisboa a 20 de janeiro de 1628. Jaz sepultado no cruzeiro da egreja Casa Professa de S. Roque em sepultura rasa, e n'ella está gravado o seguinte epitaphio, que á sua memoria dedicaram os religiosos d'aquella casa:

H. S. E.

ILLUSTRISSIMUS, ET REVERENDISSIMUS D. D. FERDINANDUS MARTINUS MASCAREGNAS, QUAESITOR FIDEI MAXIMUS, Á CONSILIJS REGIÆ MAJESTATIS, OLIM RECTOR ACADEMIÆ CONIMBRICENCIS, NECNON EPISCOPATUS ALGARBIENSIS. NIHIL TAMEN HISCE HONORIBUS ACCEPTIS, QUAM RELICTIS EPISCOPATUS CONIMBRICENCIS, E ARCHIEPISCOPATUS ULYSSIPONENSI THIARIS CLARIOR. SACRIS LITERIS OPPRIME ERUDITUS IN DEUM, SUPEROSQUE EGREGIÈ PIUS: INGENIO MITISSIMO ANIMO ECCLESIASTICO, DONIS MUNISICENTISSIMUS, E IN PAUPERES LARGISSIMUS. LUSITANI POPULI DELICIÆ NUNC DESIDERIUM. OBIJT 20 JANUARIJ 1628. QUI QUONIAM NON MAUSOLAEO, SED HUMILI SEPULCHRO, UT UNUS EX NOBIS OB EXIMIAM (a) IN SOCIETATEM JESU, E SINGULAREM IN QUATUOR FRATES GERMANUS, QUOS IN EA HABET, AMORE CONDI VOLUIT, EA DEM SOCIETAS JESU GRATIÆ, E AMORIS ERGO

H. EI M. P.

(a) O traço indica até onde chega a campa que encontrei.

«Varios escriptores celebraram o seu nome como fôram: — Agostinho Barbosa; Balthasar Telles, p. 2.º liv. 4; Padre Sebastião Barradas; Nicolau Antonio; Francisco de Santa Maria; Sachins; Paul Scherlog; Nicolau Godinho; Fr. Seraph. de Freitas; Dr. Belchior de Abreu, Cisterciense; João Soares de Brito; Soares de Gratia; Isambert; Draud; Hallevart; Fonseca (Evora Gloriosa); Franco e D. José Barbosa.

Compoz:

Tractatus de auxiliis divinæ gratiæ ad actus supernaturales in tres partes divisus. Prima agit de variis divinæ gratiæ divisionibus. Secunda de gratiæ efficaci. Tertia de efficacia gratiæ. Ulyssipone apud Petrum Craesbeck 1604 fol. & Lugduni apud Horatium Cardon. 1615. 4.

Pro defensione Immaculata e Conceptionis Epistola. Sahiu impressa com outras d'este assumpto. *Hispali 1616. fol.* como escreve fr. Pedro de Alva, y — *Astorga in milit. Concept.*

Officium S. Antonii Ulissiponensis, qui vulgó dicitur de Padua, quod edendum curavit Illustrissimus Dominus D. Ferdinandus Martins Mascarenhas D. Antonio addictissimus ad usum privatum devotorum ipsius. Ulyssipone typis Gerardi à Vinea 1623. 12 D'esta obra faz menção Cardoso — *Agiol. Lusit. Tom. 3. a 30 de maio no Comment letr. A.*

Tratado sobre varios meios, que se offereceram a S. Mag. Catholica para remedio do Judaismo n'este reino de Portugal no anno de 1625. 4. Não tem logar de impressão, nem o nome do author.

«Por sua ordem sahiu composto pelo Padre Baltthasar Alvares da Companhia de Jesus:

Index Auctorum damnat æ memoriæ. Tum etiam librorum, qui vel simpliciter, vel ad expurgationem usque prohibentur, vel denique expurgati permittuntur. Ulyssipone apud Petrum Craesbeck 1624. fol. In. 1. 2. D. Thomæ Commentarii M. S. aos quaes intitula *præclaros* o Padre Sebastião Barradas na *Dedicatoria,* que a seu *Illustrissimo Author* lhe faz no *Tom. 2. Concord. Evangel.* lastimando-se da perda de tão grande obra, quando foi levada com a numerosa livraria d'este Prelado pelos piratas, que invadiram a cidade de Faro.

Commentaria in Proverbia Salomonis. M. S. Esta obra louvam Dom Francisco Manoel *Cart. dos A. A. Portug.* escripta ao Doutor Themudo, e Jacob. le Long. *Bib. Sacr.*

pag. milii 850. col. 1. a qual affirma Lipenio *Bib. Real. Theol. Tom. 2. p. 569.* sahira impressa *Lugduni 1615.*

Tractatus de Legibus. M. S. Estava em o anno de 1606, prompto para se imprimir.»

Quatro irmãos de D. Fernando Martins Mascarenhas pertenceram á Companhia de Jesus:

Pedro de Mascarenhas — morreu em Lisboa a 20 de setembro de 1579.

Francisco de Mascarenhas — morreu em S. Roque a 11 de julho de 1586, sendo estudante.

Nuno de Mascarenhas — morreu em Roma a 17 de junho de 1637.

Antonio de Mascarenhas — morreu em S. Roque a 1 de setembro de 1648, foi insigne em virtude e talento.

Sepultura de D. Thomaz de Almeida: — No meio do cruzeiro e áquem da sepultura do bispo do Algarve D. Fernando Martins Mascarenhas, está sepultado o primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida.

Em virtude das obras de construcção do novo côro da capella-mór foi necessario levantar a lapide sepulchral do patriarcha.

O ataúde é de fórma trapezoidal, está revestido de lamina de chumbo e encontrou-se bem conservado, excepto no fundo que por estar assente sobre a terra, apodrecera por completo.

As paredes do sarcophago que são de tijolo, foram guarnecidas com cimento e no fundo assentou-se um massame revestido tambem com cimento.

Restaurou-se o fundo do ataúde e revestiu-se com lamina de chumbo.

A tampa do ataúde tem o brazão de armas dos Almeidas encimado pela tiára, tudo nitidamente fundido em chumbo. Por baixo do brazão de armas está gravado em uma placa tambem de chumbo, o seguinte epitaphio:

DOM
THOMAS
S. R. E.
PRESBYTER CARDINALIS
PATRIARCHÆ LISBONENSIS I.
VIXIT ANNOS LXXXIII
MEVSES V DIES XVII
OBIIT DIE XXVII FEBR.
MDCCLIV
REQUIESCAT IN PACE.

A biographia que vou transcrever, vem no *Gabinete Historio* por frei Claudio da Conceição, vol. 12.º pag. 269 a 285.

«D. Thomaz de Almeida:—Cardeal e primeiro patriarcha de Lisboa, nasceu a 11 de setembro de 1670 na freguezia de Santa Engracia da mesma cidade.

«Foram seus paes o 2.º conde de Avintes, D. Antonio de Almeida Soares, e D. Maria Antonia de Bourbon, dama da rainha D. Maria Francisca de Saboia.

«Tendo estudado a grammatica latina, rhetorica e philosophia em todos os seus ramos no collegio de Santo Antão dos padres jesuitas, passou á Universidade de Coimbra na idade de 18 annos, onde no Real Collegio de S. Paulo tomou a beca de Porcionista a 20 de dezembro de 1688, com matricula nos sagrados canones, em cuja faculdade se doutorou.

«Occupou o emprego de deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, em cujo exercicio entrou a 21 de junho de 1695.

«Sendo por exame vago denominado *de jure aperto* na Mesa do Desembargo do Paço, foi logo despachado no logar de desembargador do Porto, com pósse a 27 de agosto do referido anno. Passou a 22 de abril de 1698 para a casa da Suplicação, com exercicio de aggravista.

«No 1.º de junho de 1702 principiou a exercer o logar de procurador, e deputado da fazenda do conselho da Real Casa e Estado das Senhoras Rainhas de Portugal.

«N'este mesmo tempo teve a apresentação do Priorado da egreja parochial de S. Lourenço de Lisboa.

«Nomeado deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, entrou a servir em 13 de abril de 1703, depois de ter sido condecorado com a insignia da Ordem de Christo, e armado cavalleiro professo, na fórma d'este regio tribunal, em uma das tres ordens militares.

«El-Rei D. Pedro II, seu cordeal amigo, o elegeu sumilher da cortina, juiz do fisco real, e chanceller-mór do reino, dando principio a este emprego a 24 de novembro de 1704.

«Sahindo El-Rei D. Pedro II a 28 de maio do mesmo anno com o seu exercito para a provincia da Beira, por motivo da campanha chamada da «Grande Alliança», cometteu a regencia do reino a sua irmã a senhora D. Catharina, rainha da Grã-Bretanha, com assistencia de 17 conselheiros de estado; e para exercer o logar de secretario nas repartições das mercês, expediente e assignatura, elegeu a D. Thomaz de Almeida, no impedimento de Diogo de Mendonça Corte Real, pelo motivo de acompanhar El-Rei n'aquella empreza.

«Trasladado D. Antonio Pereira da Silva, bispo de Elvas, e juntamente secretario de estado, para a Cathedral do Algarve, foi por este motivo elevado áquelle logar de secretario de estado D. Thomaz de Almeida, por carta passada a 3 de março de 1705, lançada no Livro XXX da chancellaria do mesmo Rei, a fl. 79; occupando tambem de serventia o emprego de provedor das obras dos paços reaes, e casas de campo.

«Nomeado bispo de Lamego, foram expedidas as bullas de confirmação pelo Papa Clemente XI a 6 de dezembro de 1706.

«Na approvação do testamento do senhor Rei D. Pedro II fez D. Thomaz de Almeida o officio de tabellião-mór do reino: sendo acclamado D. João V no 1.º de janeiro de 1707, exerceu o honroso emprego de escrivão da puridade.

«Depois de haver mandado por seu procurador, o padre mestre fr. Antonio de Faria, que depois foi geral da ordem de S. Bento, tomar posse do bispado de Lamego, foi

sagrado na egreja do convento de Nossa Senhora da Graça em Lisboa, a 3 de abril de 1707, por D. Nuno da Cunha e Ataíde, n'aquelle tempo capellão-mór, e bispo titular de Targa, sendo assistentes os bispos, *in partibus*, D. fr. Antonio Botado de Hyponia, e D. fr. Pedro de Foyos de Bona. Fez a entrada na sua diocese em maio do mesmo anno.

«Por carta de 30 de maio de 1708 passou a Coimbra a dar as precisas providencias, que julgou acertadas, no Collegio Real de S. Paulo.

«Vagando o bispado do Porto, pela morte de D. fr. José de Santa Maria Saldanha, a 26 de setembro de 1708, foi trasladado para este bispado por carta regia de 30 de abril do seguinte anno, juntamente nomeado governador da relação, e armas da cidade do Porto por outra egual carta de 26 de maio, em virtude da qual se expediu decreto de participação á Mesa do Desembargo do Paço, em 22 de outubro, do theor seguinte: = que ao bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida, se havia encarregado o governo da relação, e armas da dita cidade, e de seu districto, para em tudo o exercer da mesma fórma, que o tivera, e praticára o marquez de Arronches. =

«Confirmado no bispado do Porto por bullas do Papa Clemente XI a 22 de junho de 1709, se transferiu a esta nova diocese em 17 de outubro, onde a 13 de novembro fez entrada publica, na fórma do cerimonial; e a 9 tomou pósse do governo da relação e armas.

«Carecendo esta diocese providencias para seu melhor regimen, fez celebrar em 1710 synodo diocesano no seu mesmo paço, com as formalidades de etiqueta ecclesiastica, como em taes casos sempre se costumam praticar.

«Governando exemplarmente tanto o ecclesiastico, como o civil até 1716, foi n'este anno, a 4 de dezembro, nomeado patriarcha de Lisboa Occidental.

«No dia 7 de janeiro do seguinte anno, 1717, prestou nas mãos do bispo do Algarve, D. José Pereira de Lacerda, juramento de fidelidade, e fez a proffissão de fé; a 9 procedeu á posse, com os respectivos poderes de outorga a D. José Dionisio de Sousa, arcediago patriarchal: em 16, depois de celebrar a missa na parochial egreja de S. Sebastião da Pedreira, foi-lhe alli mesmo lançado o pallio pelo referido arcediago, segundo a bulla apostolica concedida para este acto. No sabbado de tarde, 13 de fevereiro, deu entrada publica com toda a pompa e solemnidade.

«Por decreto de 17 de fevereiro, expedido á Mesa do Desembargo do Paço, foram concedidas a elle e seus successores as honras de que n'estes reinos gozam os Cardeaes.

«Por decreto de 20 de junho foi creado Conselheiro de Estado.

«Impetrando D. João V, por bulla do Papa Clemente XII, de 20 de dezembro de 1737, a investidura Cardinalicia aos Patriarchas de Lisboa, ficou nata e perpetua esta Dignidade aos que fossem nomeados Patriarchas, logo que a nomeação se apresentasse em Consistorio.

«No dia 3 de março chegou a Lisboa, com o barrete de Cardeal, Julio Saccheti, conego de S. Pedro em Vaticano, e Camareiro-mór do Papa, por quem a 6 do dicto mês foi posta aquella insignia ao novo Purpurado no Oratorio do Palacio da sua residencia.

«Logo no 1.º de março d'aquelle anno abriu Visita pessoal em todo o patriarchado, e arcebispado, dando principio em Lisboa, administrando o Sacramento da Confirmação nas egrejas parochiaes.

«O mesmo praticou em 1720, passando ás terras pelo Sul do Tejo, bem como no seguinte anno se extendeu á parte Oriental do Arcebispado até Alcobaça, e terminou em 1722 em o lado Occidental, propriamente patriarchado; e somente n'esta administrou o sagrado Crisma a 13:140 pessoas.

«Como bom, e sollicito pastor conheceu sempre do estado do seu rebanho, já por visitadores, já por inquirições exigidas dos parochos, na forma de certas instrucções.

«Por Breve do Papa Clemente XI, em 7 de setembro de 1719, a instancia de El-rei, foi dada a concessão de ministrar os graos de bacharel, e doutoramento em Theologia, e direito Canonico a dignidades, e conegos da Santa Egreja Patriarchal, presentes e futuros, que não tivessem ainda esta condecoração por alguma Universidade: regulando-se em formalidades pelas determinações prescriptas no dicto Breve para elle Patriarcha, e seus successores assim o praticarem.

«Por outro egual indulto de 26 de setembro de 1720, e á mesma instancia, se transmittiu aos Patriarchas de Lisboa a antiga regalia, de que privadamente gozavam os Primazes Bracharenses na sagrada unção dos Senhores Reis de Portugal, suas armas, e insignias, por Bulla do Papa Eugenio IV a El-rei D. Duarte, expedida a 22 de ou-

tubro de 1436; e que já ao mesmo soberano havia anteriormente concedido o Papa Martinho V por outra Bulla de 15 de maio de 1428. O que supposto nunca em tempo algum foram celebradas estas funcções de sagração, nem as graduações doutoraes.

«Serviu este prelado com muito zelo a trez soberanos de Portugal, os senhores Reis D. Pedro II, D. João V, e D. José I: mereceu a estima, e o respeito dos Pontifices Innocencio XII, Clemente XI, Innocencio XIII, Benedicto XIII, Clemente XII, e Benedicto XIV.

«Sagrou em differentes tempos 9 arcebispos, e 41 bispos. Na fundação da Real Basilica de Mafra fez a benção da primeira pedra, medalhas, e alicerces de todo o templo a 17 de novembro de 1717, e depois a 22 de outubro de 1730 fez a funcção da sagração. Sagrou a 13 de novembro de 1746 a santa egreja Patriarchal, que pelo terremoto do 1.º de novembro de 1755 foi reduzida a cinzas.

«Administrou o sacramento do baptismo aos infantes D. Pedro, e D. Alexandre, filhos de D. João V, e o mesmo praticou ás 4 filhas de D. José I, quando era principe do Brazil.

«Ministrou o sacramento do matrimonio em 11 de janeiro de 1728, na Santa Egreja Patriarchal, á princeza D. Maria Barbara filha de D. João V, com o principe das Asturias D. Fernando, que depois foi Rei de Hespanha. Lançou, a 20 de janeiro do seguinte anno, as bençãos nupciaes na Cathedral de Elvas aos principes do Brazil D. José, e D. Marianna Victoria.

«Sacramentou por Viatico, e Ungiu o Rei D. João V.

«Na acclamação do senhor Rei D. José I, em 7 de setembro de 1750, recebeu o juramento d'este soberano, como capellão-mór, por cujo motivo foi o primeiro entre as testemunhas, que assignaram o auto.

«Deu para a construcção da egreja de Santa Izabel, erecta em nova Parochia, á Irmandade do Santissimo, em 27 de outubro de 1753, grande parte da sua rica, e preciosa baixella de prata dourada, em peso de 1:554 marcos, servindo-se depois de louça de barro, com summa edificação de todos. Por verba de testamento deixou em legado para a mesma obra o resto da prata, em valor de 4:000$000 réis. [1]

[1] Deixou tambem varios legados aos padres de S. Roque e entre elles a sua livraria.

«Despendeu grandes sommas com a fundação da egreja, e convento das Religiosas Trinas no sitio do Rato, e na egreja de Rilhafolles, alem d'outras muitas ordinarias a diversas corporações religiosas.

«Tendo finalmente este incomparavel Prelado preenchido n'este mundo uma brilhante carreira na pratica das mais solidas virtudes, no amor á Justiça, e na caridade para com os pobres, em cujas mãos depositou o thesouro, que não é susceptivel de corrupção, tocou a ultima meta da sua existencia na cidade de Lisboa, em 4.ª feira de Cinza, 27 de fevereiro ás 5 e meia horas da manhã, em a veneranda idade de 83 annos, 5 meses, e 16 dias. [1]

«Seu corpo jaz em sepultura rasa no cruzeiro da egreja de S. Roque[2], que então era Casa professa dos padres da Companhia de Jesus, e hoje Santa Casa da Misericordia.

«Na lapide sepulchral está gravada uma eloquente, e romanesca inscripção, feita pelo sabio doutor Filippe Maciel, deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, a qual o douto, e curioso Diogo Barbosa Machado copiou no Tomo IV da Bibliotheca Lusitana, pag. 272, e julgo a proposito dal-a aqui, visto achar-se hoje a dicta lapide coberta pelo acrescentamento do côro feito na capella-mór d'aquella egreja, e é a seguinte:

D. O. M.

STA VIATOR.
SEPULCHRUM NE TANGITO
HIC JACET.
E. R. D. D. THOMAS S. R. E. CARDINALIS DE ALMEIDA.
PRIMUS ULYSSIP. PATRIARCHA.
SACRIFICUS MAXIMUS.
REGIS A SANCTIORIBUS CONSILIIS, AC OLIM A SECRETIS
SUMMUS REGNI CONSILIARIUS
EPISCOPUS LAMECENCIS, MOX PORTUGALLENSIS

[1] Na inscripção que está no ataúde lê-se, como já vimos: 83 annos, 5 mezes e 17 dias.

[2] Determinou no seu testamento ser sepultado na egreja de S. Roque.

IBIQUE SENATUS, ET ARMORUM
PRŒFECTUS
SI DE NOBILITATE QUŒRIS
STEMA INSPICE;
SI DE FACTIS
EX HOC DIGNITATUM CUMULO
ET ANNORUM SERIE CONJICITO.
ANNOS NON NUMERAVIT
VIXIT LXXXIII MENSIS V. DIAS XVI.
MAGNIS VIRTUTIBUS
TAM LONGAM FORTUNÆ INDULGENTIAM
MERITUS.
OBIIT ANNO MDCCLIV. III KAL.
MART.
TÚNC MORTALITATIS MEMORIAM
ECCLESIA RENOVAVIT
EFFICACE DOCUMENTUM.
IMMANI ATROPO É VITA RECISUS
VIR DIGNUS IMMORTALITATE.
SOLUM HABUIT IN PRETIO
QUÆ DEO DESTINAVERAT.
OMNIA PAUPERIBUS
ET ECCLESIŒ LEGAVIT.
HOC MAJUS.
ARGENTUM OMNE FACTUM
D. ELISABETHAE
UD IN PRODIGENTIA VIRTUTEM
EXERCERET,
NON POST MORTEM, IN VITA
UNA DIE DONAVIT.
INTER SODALES JESUS
VOLUIT QUIESCERE,
UT IDEM ESSET MONUMENTUM
AMORIS ET CINERUM.
DOLENT PRINCIPES,
GEMUNT PAUPERES,
LACRYMAT LUSITANIA
MOERET RELIGIO.
SOLA IMPIETAS EXULTARET
NI TALEM VIRUM,
QUI PRISTINAM EJUS AUDACIAM,
IN VIVIS COMPRESSERAT,
IN TUMULO AD HUC TIMERET.
TU QUOQUE VIATOR
SI TE PIETAS COMMOVET
ABI MOESTUS.
PATRUO DESIDERATISSIMO
FILII FRATIS NATU MAXIMI
HOC IN PÚBLICO LUCTU
BRENE MOERENTISSIMI
POSUERE.

A inscripção que acabo de transcrever, foi feita a instancias do marquez do Lavradio e de seu irmão o R.do D. Thomaz de Almeida sobrinhos do Patriarcha; está gravada com lettras de bronze em uma bella lapide de marmore cinzento de $2^{m},70 \times 1^{m},30$ e é encimada pelo brazão de armas dos Almeidas sobrepujado pela tiára, tudo artisticamente executado em bronze.

CAPITULO XI

Homenagem de justiça e gratidão

Reservei este capitulo unica e exclusivamente para perpetuar o meu reconhecimento e a minha gratidão, aos habeis e distinctos artistas e honrados industriaes — *todos portuguezes* — que, devido ao seu bom auxilio, intelligencia e zelo, tanto concorreram para que eu, a contento da ex.ma Meza da Santa Casa da Misericordia, desempenhasse a minha espinhosa e difficil missão.

Eis os seus nomes:

Affonso Pereira de Amor Machado — Conductor de obras publicas, organeiro e professor de musica. Foi o director technico dos concertos do orgão e o seu afinador.

Antonio Duarte Silva — Musico e organeiro. Fez os concertos do orgão.

Antonio Esteves dos Reis — Industrial (fallecido em junho ultimo). Foi encarregado de fazer as serpentinas para o côro.

Antonio Ignacio da Silva — Fingidor.

Antonio José Moreira — Canteiro e industrial. Foi encarregado da construcção do novo altar.

Arthur Manoel dos Santos — Pintor. Pintou no tecto sob o côro.

Carlos Augusto dos Santos: — Pintor. Pintou no tecto sobre o côro.

Domingos Affonso de Oliveira — Estucador, decorador e industrial. Foi o empreiteiro dos trabalhos de pintura e de estuque.

Eduardo Xavier de Padua Leal — Pintor. Pintou no tecto sob o côro.

Francisco de Paula Teixeira — Pintor. Pintou no tecto sob o côro.

Frederico Augusto Ribeiro — Carpinteiro e industrial. Projectou e dirigiu a construcção das portas da entrada principal da egreja e dirigiu tambem a construcção de todos os trabalhos especiaes de carpinteria. Projectou e construiu os caixilhos das tribunas do cruzeiro.

Guilherme Coutinho — Entalhador e industrial. Projectou e sob a sua direcção se executou o retabulo da capella da Annunciação, assim como a cancella da capella da Doutrina e os supportes das serpentinas do côro.

Joaquim Pedro Monteiro — Serralheiro. Dirigiu a construcção da grade da capella do Santissimo Sacramento.

José dos Reis — Pintor. Imitou os azulejos que faltavam nos paineis das paredes da capella de S. Roque e pintou no tecto sob o côro.

Justino José Monteiro — Pintor. Foi o director artistico dos trabalhos de pintura do tecto sob o côro.

Manuel João da Costa — Dourador. Foi encarregado de todos os trabalhos de douradura e bronzagem.

Thiago Antonio da Silva — Industrial. Foi o empreiteiro da grade da capella do Santissimo Sacramento.

CAPITULO XII

Conclusão

Com o capitulo anterior dou por finda a memoria justificativa e descriptiva das obras que dirigi na egreja de S. Roque.

Se a direcção technica das obras foi ardua e difficil, tambem a elaboração da presente memoria não o foi menos...

Perdoem-lhe as incorrecções; é despretenciosa mas verdadeira.

Feita esta declaração, resta-me appellar para a benevolencia dos technicos e dos criticos da arte, fazendo-lhes muito respeitosamente o pedido seguinte:

Quando visitarem o majestoso templo de S. Roque, desculpem a um technico principiante os erros de lesa-arte

que encontrarem, e se elles forem tão grandes que não mereçam perdão, proferindo o seu *veridictum,* ao menos, não me classifiquem de *vandalo*...

Lisboa, 19 de outubro de 1894.

Antonio Cesar Mêna Junior.

Conductor de Obras Publicas e de Minas.